

BESTSELLER INTERNACIONAL

# VIDAS FINAIS

*as sobreviventes*

# RILEY SAGER

«Chegou o grande thriller de 2017.» — STEPHEN KING

Para o Mike

# CHALÉ DOS PINHEIROS

## 1h00

**A** floresta tinha garras e dentes. Todas aquelas pedras, espinhos e ramos fustigavam Quincy enquanto corria, aos gritos, através do arvoredo. Mas ela não parou. Nem quando as pedras se lhe enterraram nas solas dos pés descalços. Nem quando um ramo fino lhe chicoteou o rosto e um fio de sangue lhe escorreu pela bochecha.

Parar não era opção. Parar era morrer. E ela continuou a correr, mesmo quando uma silva se lhe enrolou no tornozelo e lhe mordeu a carne. A silva esticou-se, trémula, antes de Quincy se libertar com um puxão. Se lhe doía, não o saberia dizer. O seu corpo já continha mais dor do que podia suportar.

Era o instinto que a fazia correr. Uma noção inconsciente de que precisava de prosseguir, fosse como fosse. O motivo, porém, já o esquecera. Memórias de há cinco, dez, quinze minutos haviam desaparecido. Se a sua vida dependesse de se lembrar do que a levava a fugir por entre o arvoredo, morreria certamente naquela floresta.

Então, correu. Gritou. Tentou não pensar na morte.

Um brilho branco surgiu à distância, esbatido ao longo do horizonte repleto de árvores.

Faróis.

Estaria perto de uma estrada? Quincy esperava que sim. Tal como as memórias, o seu sentido de orientação desaparecera. Correu ainda

mais depressa, gritando ainda mais alto, e disparou na direção da luz.

Outro ramo chicoteou-lhe o rosto. Era mais grosso do que o primeiro, como um rolo da massa, e o impacto atordoou-a, cegando-a simultaneamente. A dor pulsou-lhe através da cabeça, e faíscas azuis tremularam-lhe na visão enevoada. Quando se desvaneceram, viu uma silhueta destacar-se sob o brilho dos faróis.

Um homem.

*Ele.*

Não, não era Ele.

Outra pessoa.

Segurança.

Quincy acelerou o passo. Estendeu os braços ensanguentados, como se isso pudesse, de alguma forma, aproximar o desconhecido. O movimento agudizou a dor no seu ombro. E a dor trouxe-lhe não uma memória, mas uma clarificação. Tão brutalmente terrível que tinha de ser real.

Só restava ela.

Todos os outros estavam mortos.

Quincy era a única que permanecia viva.

# 1.

**O** Jeff está a ligar-me, e tenho as mãos todas sujas de cobertura de bolo. Apesar dos meus melhores esforços, o creme de manteiga escorreu-me para os nós e para o meio dos dedos, agarrando-se aí como cola. Só um dos mindinhos permanece limpo, e uso-o para premir o botão de alta-voz.

— Carpenter e Richards, detetives privados — digo, imitando a voz rouca de uma secretária de *film noir*. — Em que posso ajudar?

O Jeff entra no jogo, num tom de duração que soa a algo entre Robert Mitchum e Dana Andrews.

— Passe-me à Sra. Carpenter. Preciso de falar com ela imediatamente.

— A Sra. Carpenter está ocupada com um caso importante. Quer deixar recado?

— Sim — responde o Jeff. — Diga-lhe que o meu voo de Chicago está atrasado.

Deixo a brincadeira de lado.

— Oh, Jeff. A sério?

— Desculpa, querida. São os riscos de voar da Cidade Ventosa.

— De quanto tempo é o atraso?

— Entre duas horas e uma semana — responde o Jeff. — Espero que seja pelo menos o tempo suficiente para perder o início da temporada dos bolos.

— Não tens essa sorte, amigo.

— A propósito, como está a correr?

Olho para as minhas mãos.

— Bem sujo.

A temporada dos bolos é como o Jeff chama ao período exaustivo entre o início de outubro e o final de dezembro, quando chegam, sem tréguas, todas as festividades carregadas de sobremesas. Gosta de o dizer com um ar ameaçador, erguendo as mãos com os dedos abertos, como pernas de aranhas.

Ironicamente, foi por causa de uma aranha que as minhas mãos ficaram cobertas de creme de manteiga. Com uma dupla camada de chocolate negro, a sua barriga equilibra-se na ponta de um *cupcake*, enquanto as pernas negras se estendem por cima e pelos lados do bolo. Quando tiver terminado, os *cupcakes* serão dispostos, fotografados e exibidos no meu site, na secção de ideias de bolos para o *Halloween*. O tema deste ano é «A Vingança das Delícias».

— Como está o aeroporto? — pergunto.

— Apinhado. Mas acho que sobreviverei se chegar ao bar do terminal.

— Liga-me se isso se atrasar mais — peço. — Estarei aqui, envolta em cobertura de bolo.

— Faz bolos como se não houvesse amanhã — diz o Jeff.

Telefonema terminado, regresso à aranha de creme de manteiga que cobre parcialmente o *cupcake* de chocolate e cereja. Se tiver feito tudo bem, o recheio vermelho irá escorrer à primeira dentada. Esse teste virá mais tarde. Neste momento, a minha principal preocupação recai sobre o exterior.

Decorar *cupcakes* é mais difícil do que parece. Especialmente quando os resultados são publicados online, para serem vistos por milhares de pessoas. Não são permitidas manchas nem pingos. No mundo da alta definição, qualquer pequena falha parece gigantesca.

«Os pormenores são importantes.»

É um dos dez mandamentos do meu site, comprimido entre «Os copos medidores são nossos amigos» e «Não tenha medo de falhar».

Termino o primeiro *cupcake* e estou a trabalhar no segundo quando o telefone volta a tocar. Desta vez não tenho sequer um mindinho limpo à disposição e sou forçada a ignorá-lo. O telefone continua a tocar e a vibrar sobre a bancada. Depois cala-se, parando por um momento, antes de emitir um *bip* estridente.

Uma mensagem de texto.

Curiosa, largo o saco de pasteleiro, limpo as mãos e vejo a mensagem. É do Coop.

«Temos de falar. Pessoalmente.»

Os meus dedos detêm-se sobre o ecrã. Embora o Coop demore três horas de carro até Manhattan, é uma viagem que faz de boa vontade. Quando é importante.

Respondo à mensagem. «Quando?»

A resposta chega em segundos. «Agora. No sítio do costume.»

Uma pontada de preocupação comprime-me a base da coluna. O Coop já está cá. O que só pode significar uma coisa — há algum problema.

Antes de sair, apresso-me nos meus preparativos habituais para um encontro com o Coop. Dentes lavados. Lábios pintados. E um minúsculo *Xanax*. Tomo o pequeno comprimido azul com um pouco de refrigerante de uva, que bebo diretamente da garrafa.

No elevador, ocorre-me que devia ter mudado de roupa. Ainda estou com a minha indumentária de fazer bolos: calças de ganga pretas, uma das camisas velhas do Jeff e sabrinas vermelhas. Tudo polvilhado de farinha e com nódoas desbotadas de corante alimentar. Reparo num pedaço de cobertura seca nas costas da mão, com a pele a espreitar através da mancha azul-escura. Parece uma nódoa negra. Lambo a mão para a limpar.

Lá fora, na Eighty-Second Street, viro à direita para a Columbus, já apinhada de transeuntes. O meu corpo contrai-se perante a visão de tantos estranhos. Paro e enfio os dedos rígidos na mala, à procura da lata de gás pimenta que tenho sempre comigo. Estar no meio de muita gente

traz uma certa segurança, é verdade, mas também alguma incerteza. Só depois de encontrar o spray recomeço a andar, com uma expressão carrancuda.

Embora haja sol, um frio tangível penetra o ar. Típico do início de outubro em Nova Iorque, quando o tempo parece mudar aleatoriamente do calor para o frio. Contudo, o outono faz definitivamente a sua aproximação rápida. Avisto o Theodore Roosevelt Park, onde as folhas já adquiriram uma tonalidade entre o verde e o dourado.

Através da folhagem, vislumbro as traseiras do Museu Americano de História Natural, esta manhã repleto de visitas de estudo. As vozes das crianças esvoaçam como pássaros entre as árvores. Quando uma delas guincha, as outras fazem silêncio. Só por um segundo. Imobilizo-me no passeio, perturbada não pelo guincho, mas pelo silêncio que se segue. Depois, as vozes da miudagem ressoam novamente e eu acalmo-me. Continuo a andar, dirigindo-me para um café, dois quarteirões a sul do museu.

O nosso lugar habitual.

O Coop espera-me sentado a uma mesa junto à janela, com a sua aparência de sempre. Aquele rosto anguloso e forte, que parece pensativo em momentos de repouso, como agora. O corpo longo e robusto. Mãos grandes, uma das quais ostenta um anel de curso com um rubi, em vez de uma aliança de casamento. Só o cabelo vai mudando. Mantém-no cortado à escovinha, mas, a cada encontro, está mais pontilhado de cinzento.

A sua presença é notada por todas as *amas* e *hipsters* cafeinadas que povoam o local. Nada como um polícia de uniforme para desconcertar as pessoas. Mesmo sem uniforme, o Coop é uma figura que impõe respeito. É um homem grande, bem constituído, com colinas ondulantes de músculos. A camisa azul engomada e as calças pretas com vincos como gumes de facas parecem amplificar ainda mais o seu tamanho. Ele levanta a cabeça quando entro, e eu apercebo-me da exaustão nos seus olhos. Deve ter vindo para cá logo a seguir ao turno da noite.



Há duas chávenas sobre a mesa. *Earl Grey* com leite e açúcar extra para mim. Café para o Coop. Simples. Sem açúcar.

— Quincy — cumprimenta-me ele, com um aceno.

Há sempre um aceno. É a versão do Coop de um aperto de mão. Nunca nos abraçamos. Nunca mais, depois do abraço desesperado que lhe dei na noite em que nos conhecemos. Por mais vezes que o veja, aquele momento está sempre ali, a desenrolar-se repetidamente até eu o afastar.

«Eles estão mortos», dissera eu enquanto o agarrava, as palavras a borbulhar, espessas, no fundo da minha garganta. «Estão todos mortos. E ele ainda está aqui.»

Dez segundos depois, salvou-me a vida.

— Isto é, sem dúvida, uma surpresa — digo, sentando-me. Há um tremor na minha voz, que tento controlar. Não sei por que motivo me ligou, mas, se forem más notícias, quero estar calma quando as ouvir.

— Estás com bom aspeto — diz o Coop, lançando-me o rápido olhar preocupado de alto a baixo a que já me acostumei. — Mas emagreceste.

Também há preocupação na sua voz. Está a lembrar-se daquela altura, cerca de seis meses depois do Chalé dos Pinheiros, quando o meu apetite me abandonou tão completamente que acabei no hospital, alimentada através de um tubo. Lembro-me de acordar e ver o Coop de pé, junto à minha cama, a fitar o tubo de plástico que serpenteava para dentro da minha narina.

«Não me desapontes, Quincy», dissera ele então. «Não sobreviveste àquela noite para agora morreres assim.»

— Não é nada — digo. — Finalmente percebi que não tenho de comer todos os bolos que faço.

— E como vai isso? Os bolos?

— Muito bem, na verdade. Ganhei cinco mil seguidores no último trimestre e consegui publicidade de mais uma empresa.

— Isso é ótimo — diz o Coop. — Fico contente por estar tudo a correr bem. Um destes dias, tens de me fazer um bolo qualquer. — Tal

como o aceno, esta é outra das constantes do Coop. Diz sempre isto, mas não fala a sério. — Como está o Jefferson? — pergunta.

— Está bem. O Ministério Público nomeou-o advogado responsável num caso grande e substancial. — Omito a informação de que o caso envolve um homem acusado de matar um inspetor do departamento de narcóticos numa rusga que correu mal. O Coop já não vê com bons olhos o trabalho do Jeff. Não há necessidade de pôr mais lenha nessa fogueira em particular.

— Que bom para ele — diz o Coop.

— Esteve fora nos últimos dois dias. Teve de ir a Chicago recolher depoimentos de familiares. Diz que isso conquistará a empatia do júri.

— Hum — responde o Coop, sem prestar grande atenção. — Calculo que ainda não te tenha pedido em casamento.

Abano a cabeça. Confessara ao Coop que achava que o Jeff faria o pedido nas nossas férias de agosto, nos Outer Banks, mas, até agora, nada de aliança. Essa é a verdadeira razão pela qual perdi peso ultimamente. Tornei-me o género de namorada que começa a fazer jogging só para caber num hipotético vestido de noiva.

— Ainda estou à espera — digo.

— Há de acontecer.

— Então, e tu? — pergunto, num tom meio de provocação. — Arranjaste finalmente uma namorada?

— Não.

Arqueio uma sobrancelha.

— Um namorado?

— Esta visita é por tua causa, Quincy — diz o Coop, sem sequer esboçar um sorriso.

— Claro. Tu perguntas. Eu respondo.

É assim que as coisas se passam entre nós quando nos encontramos, uma, duas, talvez três vezes por ano.

As visitas assemelham-se quase sempre a sessões de terapia, sem que eu chegue a ter oportunidade de fazer perguntas ao Coop. Apenas

tenho conhecimento dos aspetos básicos da sua vida. Tem 41 anos, serviu no Corpo de Fuzileiros Navais antes de ir para a polícia e mal ultrapassara o estatuto de agente quando me encontrou aos gritos entre as árvores. Embora eu saiba que ele ainda patrulha a cidade onde aconteceram todas aquelas coisas horríveis, não faço ideia se é feliz. Ou se está satisfeito. Ou se se sente solitário. Nunca tenho notícias dele nas épocas festivas. Nunca me mandou um cartão de Natal. Há nove anos, no funeral do meu pai, sentou-se na última fila e escapuliu-se da igreja antes de eu ter tempo sequer de lhe agradecer por ter comparecido. O mais próximo que ele chega de demonstrar afeição é no meu aniversário, quando me envia sempre a mesma mensagem: «Mais um ano que por pouco não tinhas. Aproveita-o.»

— O Jeff vai ganhar juízo — diz o Coop, levando novamente a conversa para onde lhe interessa. — Vai ser no Natal, aposto. Os homens gostam de fazer pedidos de casamento nessa época.

Toma um gole de café. Eu bebo um pouco de chá e pestanejo, mantendo os olhos fechados por um instante, desejando que a escuridão me ajude a sentir o efeito do *Xanax*. Em vez disso, sinto-me mais nervosa do que quando cheguei.

Abro os olhos e vejo uma mulher bem vestida a entrar no café, com um bebé gorducho e igualmente bem vestido. Uma ama, provavelmente. A maioria das mulheres com menos de 30 anos neste bairro são amas. Nos dias quentes e ensolarados, obstruem os passeios — um desfile de raparigas indistinguíveis, acabadas de sair da universidade, munidas de cursos de literatura e empréstimos para estudantes. Esta só me chama a atenção porque é parecida comigo. Jovem e bem arranjada. Cabelos louros, domados num rabo de cavalo. Nem muito magra, nem muito rechonchuda. O produto de uma robusta geração do Midwest, alimentada a leite.

Podia ter sido eu numa outra vida. Uma vida sem Chalé dos Pinheiros e sem sangue e sem um vestido a mudar de cor como num sonho macabro.

Há outra coisa que me ocorre sempre que me encontro com o Coop: ele pensara que o meu vestido era vermelho. Sussurrara-o ao colega quando pedira reforços. Está na transcrição da polícia, que li tantas vezes, e na gravação da chamada, que só consegui ouvir uma vez.

«Está alguém a correr por entre as árvores. Caucasiona, sexo feminino. Jovem. Tem um vestido vermelho. Está a gritar.»

Eu *estava* a correr por entre as árvores. Na verdade, a galopar. Fazendo voar as folhas, alheia à dor que me percorria o corpo todo. E, embora não conseguisse ouvir nada além do bater do meu coração, estava realmente a gritar. A única coisa em que o Coop errou foi na cor do meu vestido.

Até uma hora antes, o meu vestido era branco.

Algun do sangue era meu. O resto pertencia aos outros. Sobretudo à Janelle, que segurei nos meus braços momentos antes de também ser ferida.

Nunca esquecerei a expressão do Coop quando se apercebeu daquele erro. O seu ligeiro arregalar de olhos. A forma oblonga da sua boca ao esforçar-se por não a deixar abrir. A sua respiração sobressaltada. Duas partes de choque, uma de piedade.

É das poucas coisas de que me lembro realmente.

A minha experiência no Chalé dos Pinheiros está dividida em duas partes distintas: o princípio, carregado de medo e de confusão, quando a Janelle surgiu do bosque ainda viva, mas à beira da morte; e depois o fim, quando o Coop me encontrou com o vestido que não era vermelho.

Entre estes dois momentos, há um vazio na minha memória. Cerca de uma hora totalmente apagada.

«Amnésia dissociativa», chama-lhe o diagnóstico oficial. Mais conhecida como síndrome da memória reprimida. Basicamente, aquilo a que assisti foi demasiado horrível para a minha mente frágil conseguir encaixar. Então, mentalmente, suprimi-o. Uma lobotomia autoinfligida.

Isso não coibiu as pessoas de me implorarem que recordasse o sucedido. Familiares bem-intencionados. Amigos desinformados.

Psiquiatras com visões de estudos de caso publicados a dançar-lhes na mente. «Pensa», diziam-me. «Tenta lembrar-te do que aconteceu.» Como se isso fizesse alguma diferença. Como se o facto de eu ser capaz de recordar cada pormenor sangrento pudesse devolver a vida aos meus amigos.

Ainda assim, eu tentei. Terapia. Hipnose. Até um jogo ridículo de memória sensorial, em que uma especialista de cabelo frisado aproximava tiras de papel aromatizado do meu rosto vendado, perguntando como cada uma me fazia sentir. Nada resultou. Na minha mente, aquela hora é um quadro negro completamente apagado. A única coisa que resta é o pó.

Eu compreendo essa ânsia por mais informação, esse desejo de pormenores. Porém, neste caso, passo bem sem eles. Sei o que aconteceu no Chalé dos Pinheiros. Não preciso de me lembrar exatamente de *como* aconteceu. O problema dos pormenores é que também podem ser uma distração. Se acumularmos muitos, obscurecem a verdade cruel de uma situação. Tornam-se o colar vistoso que esconde a cicatriz da traqueotomia.

Eu não tento disfarçar as minhas cicatrizes. Apenas finjo que não existem.

O fingimento continua no café. Como se simular que o Coop não está prestes a atirar-me uma granada de más notícias para o colo o impedisse realmente de o fazer.

— Vieste à cidade em trabalho? — pergunto. — Se ficares algum tempo, eu e o Jeff adorávamos levar-te a jantar. Acho que gostámos os três daquele restaurante italiano aonde fomos no ano passado.

O Coop olha-me do outro lado da mesa. Os seus olhos são do azul mais claro que já vi. Ainda mais claro do que o comprimido que neste momento se dissolve no meu sistema nervoso central. Não é, porém, um azul calmante. Os seus olhos têm uma intensidade que me faz desviar sempre o olhar, mesmo quando quero fitá-los mais profundamente, como se isso pudesse, por si só, revelar os pensamentos que se

escondem por detrás deles. São de um azul feroz — o género de olhos que queremos encontrar na pessoa que nos protege.

— Julgo que sabes porque estou aqui.

— Sinceramente, não sei.

— Tenho más notícias. Ainda não chegaram à imprensa, mas chegam, muito em breve.

*Ele.*

É o meu primeiro pensamento. Isto tem alguma coisa que ver com Ele. Apesar de O ter visto morrer, o meu cérebro foge para aquele reino inevitável e inconcebível em que Ele sobreviveu às balas do Coop, fugiu, ficou escondido durante anos e reaparece agora para me encontrar e terminar aquilo que começou.

*Ele está vivo.*

Um nó de ansiedade enche-me o estômago, pesado e intolerável. É como um tumor do tamanho de uma bola de basquetebol. Sou abalada pela necessidade urgente de urinar.

— Não é isso — diz o Coop, percebendo facilmente o que estou a pensar. — Ele morreu, Quincy. Ambos sabemos isso.

Embora as palavras sejam agradáveis de ouvir, não têm qualquer efeito calmante. Cerro os punhos e pressiono os nós dos dedos contra o tampo da mesa.

— Por favor, diz-me o que se passa.

— É a Lisa Milner — diz o Coop.

— O que se passa com ela?

— Morreu, Quincy.

A notícia tira-me o ar do peito. Acho que gritei. Não tenho a certeza, porque estou demasiado distraída pelo eco diluído da sua voz na minha memória.

«Quero ajudar-te, Quincy. Quero ensinar-te a ser uma Última Vítima.»

E eu tinha-a deixado. Pelo menos, por algum tempo. Parti do princípio de que ela sabia mais do que eu.

E agora ela morreu.

Agora, já só somos duas.

## 2.

A versão do Chalé dos Pinheiros da Lisa Milner deu-se numa residência universitária de raparigas no Indiana. Numa noite de fevereiro, há muito tempo, um homem chamado Stephen Leibman bateu-lhes à porta. Ele tinha desistido da universidade e vivia com o pai. Corpulento. De rosto trémulo e macilento, como gordura de galinha.

A rapariga da residência que abriu a porta deparou-se com ele nos degraus da frente, empunhando uma faca de caça. Um minuto depois, estava morta. O Leibman arrastou o corpo para dentro, trancou todas as portas, cortou a eletricidade e a linha telefónica. O que se seguiu foi basicamente uma hora de carnificina que pôs fim à vida de nove raparigas.

A Lisa esteve muito perto de arredondar o número para dez. Durante a chacina, refugiou-se no quarto de uma das colegas, escondendo-se dentro de um armário, abraçando roupas que não eram suas e rezando para que o louco não a encontrasse.

Mas encontrou.

A Lisa viu-o quando ele abriu a porta do armário. Primeiro vislumbrou a faca, depois a cara dele, ambas a escorrer sangue. Levou uma facada no ombro, mas conseguiu dar-lhe uma joelhada na virilha e fugir do quarto. Chegara ao piso térreo e corria para a porta da rua quando o Leibman a apanhou e golpeou com a faca.

Sofreu quatro golpes no peito e no estômago, além de um corte de 12 centímetros no braço que erguera para se defender. Mais um golpe teria acabado com ela. Porém, mesmo a gritar de dor e atordoada com a perda de sangue, conseguiu inexplicavelmente agarrar no tornozelo do Leibman, fazendo-o cair. A faca ressaltou no chão. A Lisa agarrou-a e espetou-lha, até ao cabo, na barriga. O Leibman esvaiu-se em sangue, deitado no chão ao lado dela.

Pormenores. Fluem livremente quando não são os nossos.

Eu tinha 7 anos quando isto aconteceu. É a primeira notícia que me lembro de me ter chamado a atenção. Não pude evitá-lo. Não com a minha mãe espetada diante da televisão, de mão sobre a boca, a repetir as mesmas duas palavras: «Santo Deus! Santo Deus!»

O que vi na televisão assustou-me, confundiu-me, perturbou-me. Pessoas a chorar. O comboio de macas tapadas com lonas a passar por baixo da fita amarela que isolava a porta. A mancha de sangue muito viva sobre a neve do Indiana. Foi nesse momento que compreendi que coisas más podiam acontecer, que o mal existia no mundo.

Quando comecei a chorar, o meu pai pegou-me ao colo e levou-me para a cozinha. Enquanto as minhas lágrimas secavam em vestígios de sal, ele colocou um conjunto de tigelas sobre a bancada e encheu-as de farinha, açúcar, manteiga e ovos. Deu-me uma colher e deixou-me misturar tudo. Foi a minha primeira aula de pastelaria.

«Há coisas demasiado doces, Quincy», disse-me ele. «Todos os grandes pasteleiros o sabem. Tem de existir um contraponto. Algo negro. Ou amargo. Ou ácido. Chocolate amargo. Cardamomo e canela. Limão e lima. Cortam o açúcar, domando-o apenas o suficiente para que, quando provares o doce, o aprecies ainda mais.»

Neste momento, o único sabor na minha boca é um amargor seco. Deito mais açúcar no chá e bebo-o de uma vez. Não ajuda. O impulso do açúcar apenas contraria o efeito do *Xanax*, que começa finalmente a operar a sua magia. Colidem dentro de mim, causando-me ansiedade.



— Quando é que ela morreu? — pergunto ao Coop, assim que o meu choque inicial se reduz a uma trémula sensação de incredulidade.

— Como é que ela morreu?

— Na noite passada. A polícia de Muncie encontrou o corpo por volta da meia-noite. Ela suicidou-se.

— Santo Deus!

Digo-o num tom suficientemente alto para chamar a atenção da ama parecida comigo, sentada a uma mesa de distância. Ela ergue os olhos do *iPhone*, de cabeça inclinada como um *cocker spaniel*.

— Suicídio? — pergunto, sentindo a palavra a amargar na minha língua. — Eu pensava que ela era feliz. Quero dizer, ela parecia feliz.

A voz da Lisa ainda ecoa na minha cabeça.

«Não podes mudar o que aconteceu. A única coisa que podes controlar é a forma como lidas com isso.»

— Estão à espera do relatório toxicológico, para ver se ela bebeu ou se andava a consumir drogas — prossegue o Coop.

— Quer dizer que pode ter sido um acidente?

— Não foi acidente nenhum. Ela tinha os pulsos cortados.

O meu coração para de bater por um momento. Tenho consciência do momento vazio em que devia ter existido uma pulsação. A tristeza escorre para esse vazio, enchendo-me tão depressa que começo a sentir-me tonta.

— Quero pormenores — digo.

— Não queres — diz o Coop. — Os pormenores não vão mudar nada.

— São informação. É melhor do que nada.

O Coop fita o café, como se examinasse os seus olhos brilhantes no reflexo escuro. Finalmente, fala.

— Isto é o que sei: a Lisa ligou para o número de emergência quando faltava um quarto para a meia-noite, aparentemente por ter mudado de ideias.

— E o que é que ela disse?

— Nada. Desligou imediatamente. O operador localizou a chamada e mandou lá dois agentes. A porta estava destrancada e eles entraram.

Encontraram-na na banheira. O telefone estava na água, junto dela. Deve ter-lhe escorregado das mãos.

O Coop olha lá para fora. Vejo que está cansado. E, sem dúvida, preocupa-o que eu possa um dia fazer algo do género. Contudo, nunca tal me ocorreu, nem mesmo quando estava no hospital a ser alimentada por um tubo. Estendo o braço por cima da mesa, à procura das mãos dele. Ele afasta-as antes de eu poder segurá-las.

— Quando é que soubeste? — pergunto.

— Há umas horas. Recebi um telefonema de uma conhecida da Polícia Estadual do Indiana com quem mantenho contacto.

Não preciso de perguntar ao Coop como é que ele conhece uma agente da polícia no Indiana. Os sobreviventes de massacres não são os únicos que precisam de sistemas de apoio.

— Ela achou melhor eu avisar-te. Antes de a notícia se espalhar.

A imprensa. Claro. Gosto de os imaginar como abutres vorazes, com entranhas escorregadias a escorrer-lhes dos bicos.

— Não vou falar com a imprensa.

Atraio novamente a atenção da ama, que levanta a cabeça, de olhos semicerrados. Fito-a até ela pousar o *iPhone* sobre a mesa e fingir que se ocupa do bebé ao seu cuidado.

— Não tens de falar — diz o Coop. — Mas, no mínimo, devias pensar em fazer uma declaração de condolências. Esses tipos dos tabloides vão perseguir-te como cães. Mais vale atirar-lhes um osso, antes que te apanhem.

— Porque é que tenho de dizer seja o que for?

— Tu sabes porquê — diz o Coop.

— Porque é que não pode ser a Samantha a fazer isso?

— Porque ela desapareceu do mapa. Duvido que apareça agora, quando esteve escondida tanto tempo.

— Sortuda.

— Só restas tu — diz o Coop. — Por isso te quis dar a notícia pessoalmente. Também sei que não posso obrigar-te a fazer nada que não

queiras, mas não é má ideia começares a mostrar-te amistosa com a imprensa. Com a Lisa morta e a Samantha desaparecida, só te têm a ti.

Pego na minha mala e tiro o telemóvel. Tem estado silencioso. Não há chamadas novas. Não há mensagens novas. Apenas umas dezenas de e-mails de trabalho que não tive tempo de ler de manhã. Desligo-o — uma solução temporária. Seja como for, a imprensa vai descobrir onde estou. O Coop tem razão. Não resistirão a obter umas palavrinhas da única Última Vítima acessível.

Afinal, foram eles que nos criaram.

Última Vítima<sup>1</sup> é a designação que se dá à última sobrevivente num filme de terror. Pelo menos foi o que me explicaram. Mesmo antes do que aconteceu no Chalé dos Pinheiros, nunca gostei de ver filmes de terror por causa do sangue falso, das facas de borracha, das personagens que tomam decisões tão estúpidas que eu achava, embora com um sentimento de culpa, que mereciam morrer.

Só que o que nos aconteceu não foi um filme. Foi real. Eram as *nossas* vidas. O sangue não era falso. As facas eram de aço e assustadoramente afiadas. E as pessoas que morreram definitivamente não o mereciam.

Porém, sem sabermos bem como, conseguimos gritar mais alto, corremos mais depressa, lutámos mais. *Sobrevivemos*.

Não sei quem terá começado a usar a designação de Última Vítima para descrever a Lisa Milner. Provavelmente, algum jornal do Midwest. Perto de onde ela vivia. Algum repórter local tentou ser criativo acerca das mortes na residência universitária e utilizou a designação. Espalhou-se por ser suficientemente mórbida para resultar na Internet. Todos os sites noticiosos mais recentes, sequiosos de atenção, pegaram nela. Seguiu-se a imprensa, que não queria perder o comboio. Primeiro os tabloides, depois os jornais e, por fim, as revistas.

---

<sup>1</sup> Em português, não existe uma tradução específica para «Final Girl», que é a designação cinematográfica utilizada nos filmes de terror para descrever a única rapariga (heroína) que sobrevive no final. No contexto da história, optou-se pela utilização da expressão aproximada «Última Vítima». [N. da E.]

Em poucos dias, deu-se a transformação. A Lisa Milner já não era simplesmente uma sobrevivente de um massacre. Era uma Última Vítima, saída diretamente de um filme de terror.

Quatro anos mais tarde, voltou a acontecer com a Samantha Boyd e, oito anos depois, aconteceu comigo. Embora tenha havido outros homicídios múltiplos ao longo desses anos, nenhum atraiu a atenção da nação como os nossos. Nós éramos, por razões desconhecidas, as sortudas que tinham sobrevivido quando mais ninguém sobrevivera. Raparigas bonitas cobertas de sangue. Assim, cada uma de nós foi, por sua vez, tratada como algo raro e exótico. Uma bela ave que apenas abre as suas asas vistosas uma vez por década. Ou aquela flor que fede como carne em putrefação sempre que decide florescer.

A atenção que me foi dedicada nos meses que se seguiram ao Chalé dos Pinheiros alternava entre o bondoso e o bizarro. Por vezes, era uma combinação de ambos, como a carta que recebi de um casal sem filhos a oferecer-se para me pagar a universidade. Respondi-lhes, recusando a generosa oferta. Nunca mais ouvi falar deles.

Outras cartas eram mais perturbadoras. Perdi a conta a quantas recebi de góticos solitários ou de reclusos a dizerem que queriam namorar comigo, casar comigo, embalar-me nos seus braços tatuados. Um mecânico de automóveis do Nevada ofereceu-se para me acorrentar na sua cave, para me proteger de mais maldades. Era assustador na sua sinceridade, como se acreditasse realmente que manter-me em cativeiro era a mais benevolente das ações.

Depois veio aquela carta, a afirmar que era preciso acabar comigo, que o meu destino era ser chacinada. Não estava assinada. Não tinha endereço. Entreguei-a ao Coop. Por precaução.

Começo a sentir-me nervosa. É o açúcar e o *Xanax*, subitamente a vibrarem no meu corpo como a última droga das discotecas. O Coop sente a minha mudança de disposição e diz:

— Eu sei que isto é uma grande pressão.

Assinto com a cabeça.

— Queres sair daqui?

Assinto novamente.

— Vamos, então.

Quando me levanto, a ama finge estar ocupada com o bebé, recusando-se a olhar na minha direção. Talvez me tenha reconhecido e se sinta desconfortável. Não seria a primeira vez que acontecia algo assim.

Quando passo pela mesa dela, seguindo atrás do Coop, tiro-lhe o telemóvel de cima da mesa sem ela dar conta.

Enfio-o bem no fundo do meu bolso antes de atravessar a porta.

O Coop leva-me a casa, seguindo ligeiramente à minha frente, como um agente dos serviços secretos. Ambos examinamos os transeuntes no passeio, em busca de jornalistas. Não aparece nenhum.

Quando chegamos ao meu prédio, o Coop para perto do toldo vermelho-escuro que abriga a porta. O edifício é anterior à guerra, elegante e espaçoso. A minha vizinhança consiste em senhoras da sociedade com cabelo azul e cavalheiros *gays* de uma certa idade cheios de estilo. Sempre que o Coop cá vem, tenho a certeza de que se pergunta como é que uma blogger de bolos e um promotor público conseguem pagar um apartamento no Upper West Side.

Na verdade, não conseguimos. Não com o salário do Jeff, que é ridiculamente baixo, e muito menos com o dinheiro que ganho com o site.

O apartamento está em meu nome. Sou a proprietária. Os fundos vieram dos inúmeros processos judiciais interpostos após o Chalé dos Pinheiros. Liderados pelo padrasto da Janelle, os pais das vítimas processaram tudo e todos. O hospital psiquiátrico que O deixou fugir. Os Seus médicos. As empresas farmacêuticas responsáveis pelos muitos antidepressivos e antipsicóticos que haviam conduzido o Seu cérebro ao colapso. Até o fabricante da porta do hospital com a fechadura defeituosa através da qual Ele escapara.

Foi tudo acordado fora do tribunal. Sabiam que era preferível gastarem alguns milhões de dólares, evitando, assim, a má publicidade

decorrente de fazerem frente a uma série de famílias enlutadas. O acordo, contudo, não poupou alguns. Um dos antipsicóticos foi retirado do mercado. O Hospital Psiquiátrico de Blackthorn fechou as suas portas defeituosas um ano depois.

As únicas pessoas que não puderam pagar foram os pais Dele, pois tinham ficado sem nada para Lhe pagar os tratamentos. Por mim, tudo bem. Não queria castigar aquele casal aturdido e de olhos marejados pelos pecados Dele. Além disso, a parte que recebi dos outros acordos era mais do que suficiente. Um contabilista amigo do meu pai ajudou-me a investir a maior parte do dinheiro quando as ações ainda estavam baratas. Comprei o apartamento depois da universidade, exatamente quando o mercado imobiliário recuperava da sua queda colossal. Dois quartos, duas casas de banho, sala de estar, sala de jantar, cozinha com um recanto para o pequeno-almoço, que se tornou o meu estúdio improvisado. Foi uma pechincha.

— Queres subir? — pergunto ao Coop. — Nunca viste a casa.

— Talvez noutra altura. — Outra coisa que ele diz sempre, mas nunca a sério.

— Calculo que tenhas de ir — digo. — Tens um longo caminho até casa.

— Vais ficar bem?

— Sim — respondo. — Quando me passar o choque.

— Liga ou manda mensagem se precisares de alguma coisa.

Agora está a falar a sério. O Coop não tem problemas em largar tudo para me vir ver, desde aquela manhã a seguir ao Chalé dos Pinheiros. A manhã em que eu, no auge da dor e do sofrimento, reclamara, chorando: «Quero o polícia! Por favor, deixem-me vê-lo!» Meia hora depois, ele estava lá.

Dez anos mais tarde, ainda aqui está, a fazer-me um aceno de despedida. Quando lhe retribuo o gesto, protege os olhos azuis com uns *Ray-Ban* e afasta-se, acabando por desaparecer por entre os outros transeuntes.

Dentro do apartamento, vou diretamente para a cozinha e tomo um segundo *Xanax*. O sumo de uva que se segue é um ímpeto de doçura que, somado ao açúcar do chá, me faz doer os dentes. Ainda assim, continuo

a beber, dando vários golinhos enquanto tiro o *iPhone* roubado do bolso. Uma inspeção rápida ao telefone informa-me de que a sua antiga proprietária se chama Kim e que não usa qualquer aplicação de segurança. Posso ver todos os telefonemas, pesquisas na Internet e mensagens, incluindo uma recente, de um tipo de queixo quadrado chamado Zach.

«Queres divertir-te esta noite?»

Só pela adrenalina, respondo-lhe: «Claro.»

O telefone apita na minha mão. Outra mensagem do Zach. Envia uma fotografia do pénis.

Encantador.

Desligo o telefone. Por precaução. Eu e a Kim podemos ser parecidas, mas os nossos toques de telemóvel diferem completamente. Depois, viro o telefone, analisando a parte de trás prateada, suja de dedadas. Limpo-a até ver o meu reflexo, tão distorcido como se estivesse a ver-me ao espelho numa casa de diversões.

Vai servir perfeitamente.

Toco na corrente de ouro que trago sempre ao pescoço. Tem pendurada uma pequena chave que abre a única gaveta da cozinha que está sempre trancada. O Jeff pensa que são documentos importantes relativos ao site. Eu deixo-o acreditar nisso.

Dentro da gaveta está uma tilintante coleção de metal brilhante. Um tubo brilhante de batom e uma robusta pulseira de ouro. Algumas colheres. Uma caixa de *blush* prateada que tirei da sala dos enfermeiros quando saí do hospital, depois do Chalé dos Pinheiros. Usei-a para ver o meu reflexo durante a longa viagem de carro até casa, para me assegurar de que continuava ali. Agora examino os reflexos deformados que me devolvem o olhar e tenho a mesma sensação de conforto.

Sim, eu ainda existo.

Coloco o *iPhone* junto dos outros objetos, tranco a gaveta e volto a pendurar a chave ao pescoço.

É o meu segredo, quente, junto ao meu esterno.

### 3.

**P**asso a tarde a evitar os *cupcakes* por acabar. Parecem olhar-me fixamente da bancada da cozinha, à espera do mesmo tratamento que os dois já decorados, a alguns centímetros de distância, petulantes por estarem completos. Sei que devia terminá-los, nem que fosse só pelo valor terapêutico. Afinal, esse é o primeiro mandamento do meu site: «Fazer bolos é melhor do que terapia.»

Normalmente, acredito nisso. Fazer bolos faz sentido. O que a Lisa Milner fez não faz.

Contudo, a minha disposição está tão má que sei que nem fazer bolos pode ajudar. Em vez disso, vou para a sala, passo as pontas dos dedos sobre os exemplares não lidos do *The New Yorker* e do *Times* dessa manhã, tentando enganar-me, fingindo que não sei exatamente para onde me dirijo. Vou lá ter, de qualquer modo. À estante perto da janela, usando uma cadeira para alcançar a prateleira de cima e o livro que lá está.

O livro da Lisa.

Escreveu-o um ano depois do seu encontro com o Stephen Leibman, dando-lhe, em retrospectiva, o triste título de *Vontade de Viver: A Minha Jornada Pessoal de Dor e de Cura*. Foi um pequeno bestseller. O Lifetime transformou-o num filme para a televisão.

A Lisa enviou-me um exemplar logo a seguir ao Chalé dos Pinheiros. No interior, escrevera: «Para a Quincy, a minha gloriosa irmã de



sobrevivência. Estou aqui, se alguma vez precisares de falar.» Por baixo, estava o seu número de telefone, os dígitos claros, em bloco.

Eu não tinha qualquer intenção de lhe ligar. Disse a mim mesma que não precisava da sua ajuda. Tendo em conta que não me lembrava de nada, ia telefonar-lhe para quê?

Contudo, não estava preparada para a cobertura exaustiva que todos os jornais e canais noticiosos da televisão por cabo do país fizeram aos Homicídios do Chalé dos Pinheiros. Era o que todos lhe chamavam — os Homicídios do Chalé dos Pinheiros. Pouco importava que se parecesse mais com uma cabana do que com um chalé. Dava um bom título. Além disso, Chalé dos Pinheiros era o nome oficial, gravado a quente, ao estilo campo de férias, numa tabuleta de cedro sobre a porta.

À exceção dos funerais, mantive-me discreta. Só saía de casa para ir às consultas médicas ou às sessões de terapia. Um acampamento de repórteres ocupara o relvado em frente à nossa casa, e a minha mãe tinha de me fazer sair furtivamente pela porta das traseiras, através do quintal do vizinho, até um carro à minha espera no quarteirão seguinte. Isso não impediu que a minha fotografia do livro de curso do liceu fosse escarrapachada na capa da *People*, com a legenda «Única Sobrevivente» a roçar o meu queixo afetado pela acne.

Toda a gente queria uma entrevista exclusiva. Os repórteres telefonavam, enviavam e-mails e mensagens. Uma famosa apresentadora de telejornal — a repulsa impede-me de citar o seu nome — veio bater-me à porta. Fiquei sentada no chão, do outro lado, com as costas contra madeira a estalar. Antes de desistir, introduziu uma nota escrita à mão por baixo da porta, oferecendo-me cem mil dólares por uma entrevista. O papel cheirava a *Chanel N° 5*. Atirei-o para o lixo.

Mesmo de coração partido e golpes de faca suturados, tinha consciência da situação. A imprensa estava determinada a transformar-me numa Última Vítima.

Talvez pudesse ter lidado melhor com tudo se a minha vida familiar fosse minimamente estável. Mas não era.

Nessa altura, o cancro do meu pai voltara, vingativo, deixando-o demasiado fraco e enjoado da quimioterapia para poder ajudar a acalmar as minhas emoções desequilibradas. Mesmo assim, ele tentava. Tendo-me quase perdido uma vez, deixou bem claro que o meu bem-estar era a sua principal prioridade. Certificava-se de que eu comia, dormia e não chafurdava na minha dor. Só queria que eu estivesse bem, mesmo quando ele, obviamente, não estava. Perto do fim, comecei a pensar que sobrevivera ao Chalé dos Pinheiros porque, de alguma forma, o meu pai fizera um pacto com Deus, trocando a sua vida pela minha.

Parti do princípio de que a minha mãe sentia o mesmo, mas estava demasiado assustada e cheia de sentimentos de culpa para lhe perguntar. Também não tinha grande oportunidade. Nessa altura, ela recorrera ao modo dona de casa desesperada, decidida a manter as aparências, custasse o que custasse. Convencera-se de que a cozinha precisava de uma remodelação, como se um linóleo novo pudesse, de alguma forma, atenuar os dois males: o cancro e o Chalé dos Pinheiros. Quando não estava a acompanhar, taciturnamente, um de nós às várias consultas, entretinha-se a comparar bancadas de cozinha e a escolher entre amostras de tinta. Além disso, mantinha o seu rígido regime suburbano de aulas de *spinning* e clubes de leitura. Para a minha mãe, retirar-se de uma obrigação social que fosse teria sido uma admissão de derrota.

Como a minha terapeuta, que cheirava a patchuli, me disse que era benéfico ter um sistema de apoio estável, virei-me para o Coop. Ele fez o que pôde, Deus o abençoe, tendo aturado uns quantos telefonemas desesperados a meio da noite. Porém, eu precisava de alguém que tivesse passado por uma prova semelhante à do Chalé dos Pinheiros. A Lisa parecia ser a pessoa indicada.

Em vez de fugir do cenário do seu trauma, a Lisa ficou no Indiana. Após seis meses de recuperação, voltou à mesma universidade e formou-se em Psicologia Infantil. Quando recebeu o diploma, a multidão presente na cerimónia aplaudiu-a de pé. Uma muralha de jornalistas ao fundo do auditório captou o momento numa chuva de *flashes*.

Então, li o seu livro. Descobri o seu número de telefone. Liguei-lhe.

— Eu quero ajudar-te, Quincy — disse-me ela. — Quero ensinar-te a seres uma Última Vítima.

— E se eu não quiser ser uma Última Vítima?

— A escolha não é tua. Alguém já tomou essa decisão por ti. Não podes mudar o que aconteceu. A única coisa que podes controlar é a forma como lidas com isso.

Para a Lisa, isso significava encarar a situação de frente. Sugeriu-me que concedesse algumas entrevistas à imprensa, mas com as minhas condições. Disse-me que falar publicamente sobre o assunto me ajudaria a lidar com o sucedido.

Segui o conselho dela e dei três entrevistas — uma ao *New York Times*, uma à *Newsweek* e uma à Sra. *Chanel N.º 5*, que acabou por me pagar os tais cem mil dólares, apesar de eu não lhos ter pedido. Foi uma boa ajuda para comprar o apartamento. E, se alguém pensar que não me sinto culpada por isso, está redondamente enganado.

As entrevistas foram horríveis. Parecia-me errado falar abertamente acerca de amigos mortos, que já não podiam falar por si, principalmente quando não me conseguia lembrar do que realmente lhes acontecera. Eu era tão espetadora quanto as pessoas que consumiam as minhas entrevistas com a avidez de quem se enfarda de doces.

Cada uma dessas entrevistas deixou-me tão vazia e oca que quantidade alguma de comida me podia fazer sentir saciada. Assim, deixei de tentar, acabando por voltar para o hospital seis meses depois de ter saído. Nessa altura o meu pai já tinha perdido a sua batalha contra o cancro e aguardava apenas que este lhe desse o golpe final. Mesmo assim, estava ao meu lado todos os dias. Vacilante na sua cadeira de rodas, dava-me colheradas de gelado para me ajudar a engolir os antidepressivos amargos que eu era obrigada a tomar.

«Uma colherada de açúcar, Quinn», dizia ele. «A canção não mente.»<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Refere-se à música *A Spoonful of Sugar* (em português, «uma colherada de açúcar») do filme *Mary Poppins*. [N. da T.]

Quando o meu apetite voltou e tive alta do hospital, recebi um telefonema da Oprah. Um dos seus produtores ligou-me do nada, dizendo que ela nos queria no seu programa. Eu, a Lisa e até a Samantha Boyd. As três Últimas Vítimas, por fim juntas. A Lisa, claro, concordou. A Samantha também, o que foi uma surpresa, considerando que estava já a ensaiar o seu desaparecimento. Ao contrário da Lisa, nunca tentou contactar-me depois do Chalé dos Pinheiros. Era tão esquiva como as minhas memórias.

Eu também aceitei, apesar de a ideia de me sentar perante uma audiência de donas de casa a cacarejar de pena quase me ter levado a esconder-me de novo na toca da anorexia. Porém, eu queria encontrar-me cara a cara com as minhas companheiras Últimas Vítimas. Especialmente com a Samantha. Nessa altura, estava preparada para conhecer a alternativa à franqueza cansativa da Lisa.

Nunca tive essa oportunidade.

Na manhã em que eu e a minha mãe devíamos apanhar o avião para Chicago, acordei e dei por mim na sua recém-remodelada cozinha. Tinha sido completamente vandalizada — pratos partidos cobriam o chão, sumo de laranja escorria do frigorífico aberto, as bancadas eram uma paisagem desolada de cascas de ovos, montinhos de farinha e pedaços pegajosos de extrato de baunilha. Sentada no chão entre os escombros, a minha mãe chorava pela filha, que ainda estava com ela, mas já irremediavelmente perdida.

— Porquê, Quincy? — lamentou-se ela. — Porque é que fizeste isto?

Claro que tinha sido eu a vandalizar a cozinha, como um ladrão descuidado. Percebi-o assim que vi a confusão. Havia uma lógica na destruição. Era tão eu. E, contudo, eu não tinha qualquer memória de o ter feito. Aqueles minutos desconhecidos, passados a destruir a cozinha, constituíam uma lacuna para mim, tal como aquela hora no Chalé dos Pinheiros.

— Desculpa — disse. — Juro que não sei o que aconteceu.

A minha mãe fingiu acreditar em mim. Pôs-se de pé, limpou as faces e ajeitou cuidadosamente o cabelo. Contudo, um tique nervoso

nos seus olhos traía as suas verdadeiras emoções. Percebi que ela tinha medo de mim.

Enquanto eu limpava a cozinha, ligou ao pessoal da Oprah e cancelou. Visto que ou éramos as três ou nada feito, essa decisão fez tudo ir por água abaixo. Não haveria qualquer encontro televisivo entre as Últimas Vítimas.

Ainda nesse dia, a minha mãe levou-me a um médico que basicamente me deu uma receita vitalícia de *Xanax*. Estava tão ansiosa por me ver medicada que me obrigou a tomar um no parque de estacionamento da farmácia, acompanhado do único líquido que havia no carro — uma garrafa morna de refrigerante de uva.

— Acabou — anunciou ela. — Não há mais perdas de memória. Não há mais ataques de cólera. Nada de continuares a fazer-te de vítima. Toma estes comprimidos e sê normal, Quincy. É assim que tem de ser.

Concordei. Não queria um batalhão de repórteres na minha cerimónia de graduação. Não queria escrever um livro, nem dar mais entrevistas, nem admitir que as cicatrizes ainda me faziam comichão sempre que havia trovoada. Não queria ser uma dessas raparigas presas à tragédia, associada para sempre ao momento mais terrível da minha vida.

Ainda zozna com o efeito daquele *Xanax* inaugural, liguei à Lisa e anunciei que não daria mais entrevistas. Estava farta de ser uma eterna vítima.

— Não sou uma Última Vítima — disse-lhe.

O tom da Lisa foi infalivelmente paciente, o que me enfureceu.

— Então, és o quê, Quincy?

— Normal.

— Para raparigas como eu, tu e a Samantha, o normal não existe — disse ela. — Mas compreendo porque queres tentar.

A Lisa desejou-me sorte. Disse que estaria ali se eu alguma vez precisasse dela.

Nunca mais voltámos a falar.

Agora, observo o rosto que me fita da capa do livro. É uma boa fotografia da Lisa. Claramente retocada, mas não de uma maneira pirosa.

Olhos amigáveis. Nariz pequeno. O queixo talvez um pouco grande e a testa ligeiramente alta. Não é uma beleza clássica, mas é bonita.

Não está a sorrir na fotografia. Não é o género de livro que justifique um sorriso. Tem os lábios perfeitamente juntos. Não está demasiado alegre. Não está demasiado severa. O equilíbrio correto entre a seriedade e a satisfação consigo mesma. Imagino a Lisa a praticar a expressão em frente ao espelho. A ideia entristece-me.

Depois, penso nela enrolada na banheira, com a faca na mão. Um pensamento ainda pior.

A faca.

É isso que não compreendo, mais do que o ato do suicídio em si. As coisas más acontecem. A vida é uma treta. Por vezes as pessoas não conseguem lidar com ela e escolhem excluir-se. Por triste que seja, está sempre a acontecer. Até a pessoas como a Lisa.

Contudo, ela usou uma faca. Não um frasco de comprimidos engolidos com uma garrafa de vodka (a minha primeira escolha se alguma vez chegar a esse ponto). Não o abraço suave e fatal do monóxido de carbono (a minha segunda escolha). Escolheu pôr fim à vida com o mesmo objeto que quase a matou há décadas. Deliberadamente, deslizou aquela lâmina sobre os pulsos, tendo o cuidado de a enterrar bem, para acabar o trabalho que o Stephen Leibman havia começado.

Não posso deixar de indagar o que teria acontecido se a Lisa e eu tivéssemos mantido contacto. Talvez tivéssemos acabado por nos encontrar pessoalmente. Talvez nos tivéssemos tornado amigas.

Talvez eu a pudesse ter salvado.

Volto para a cozinha e abro o portátil, que quase só uso para atualizar o blogue. Faço uma pesquisa rápida no *Google* por Lisa Milner e vejo que a notícia da morte dela ainda não chegou à Internet. É inevitável que isso aconteça em breve. O grande mistério é saber que impacto tal irá ter na minha vida.

Alguns cliques depois, estou no *Facebook*, esse pântano insípido de *likes* e links e atrocidades gramaticais. Pessoalmente, não utilizo as

redes sociais. Não tenho *Twitter*. Nem *Instagram*. Tive uma página pessoal no *Facebook* há anos, mas fechei-a depois de demasiados seguidores apiedados e pedidos de amizade de estranhos com fetiches por Últimas Vítimas. Contudo, ainda tenho uma página para o meu site. Um mal necessário. Através dela, consigo aceder facilmente à página de *Facebook* da Lisa, que seguia o site *Doces da Quincy*.

A página da Lisa tornou-se um memorial virtual, repleto de mensagens de condolências que ela nunca irá ler. Faço *scroll*, passando por dezenas de publicações, a maioria genéricas, mas sentidas.

«Vamos sentir a tua falta, Lisa Pisa! Beijos e abraços.»

«Nunca irei esquecer o teu lindo sorriso e a tua alma maravilhosa.»

«RIP, Lisa.»

A mais comovente é a de uma rapariga com olhos de corça e cabelo castanho chamada Jade.

«Porque superaste o pior momento da tua vida, senti-me inspirada a superar o pior momento da minha. Serei inspirada por ti para sempre, Lisa. Agora que estás junto dos anjos no Céu, cuida de todos nós que ainda estamos cá em baixo.»

Encontro uma fotografia da Jade entre as muitas, muitas fotos que a Lisa publicou no seu mural ao longo dos anos. É de há três meses e mostra as duas a posarem, de bochechas encostadas, no que parece ser um parque de diversões. Ao fundo, veem-se as traves cruzadas que sustentam uma montanha-russa de madeira. Um enorme urso de peluche enche os braços da Lisa.

Não há dúvida de que os seus sorrisos são genuínos. Não é possível fingir aquele tipo de alegria. Deus sabe o quanto tenho tentado. E, contudo, há uma aura de perda em torno de ambas. Vejo-o nos seus olhos. Aquela mesma tristeza subliminar que aparece sempre nas minhas fotografias. No Natal passado, quando eu e o Jeff fomos à Pensilvânia visitar a minha mãe, posámos todos para uma fotografia em frente da árvore, comportando-nos como se fôssemos uma família verdadeira e funcional. Mais tarde, ao ver as fotografias no seu computador, a minha

mãe confundiu o meu sorriso rígido com uma careta e perguntou-me: «Custava-te muito teres sorriso, Quincy?»

Passei meia hora a bisbilhotar as fotografias da Lisa, obtendo vislumbres de uma existência muito diferente da minha. Embora ela nunca tivesse casado, assentado ou tido filhos, a sua vida parecia ser rica. A Lisa rodeara-se de pessoas — família e amigos e raparigas como a Jade — que só precisavam de uma presença generosa. Eu podia ter sido uma delas, mas não mo permiti.

Em vez disso, fiz o contrário. Mantive as pessoas a uma distância de segurança. Afastava-as se necessário. A intimidade era um luxo que eu não me podia permitir voltar a perder.

Examinando as fotografias da Lisa, inseri-me mentalmente em todas elas. Ali estou eu, posando com ela na extremidade do Grand Canyon. Ali estamos nós, a limpar a humidade da cara nas cataratas do Niágara. Estou ali, aninhada num grupo de mulheres a exhibir os sapatos bicolores numa pista de bowling. «Companheiras de Bowling!», diz a legenda.

Detenho-me numa fotografia que a Lisa publicou há três semanas. É uma *selfie*, tirada de um ângulo afastado, ligeiramente sobre a cabeça. Nesta, a Lisa ergue uma garrafa de vinho, no que parece ser uma sala de jantar com painéis de madeira. Como legenda, escrevera: «Hora do vinho! LOL!»

Há uma rapariga atrás dela, quase cortada do enquadramento inclinado. Faz-me lembrar as alegadas fotografias do Bigfoot que por vezes vejo em programas foleiros sobre o paranormal. Uma mancha de cabelos pretos a afastar-se da câmara.

Sinto uma afinidade com essa rapariga sem nome, mesmo não lhe vendo o rosto. Também eu me afastei da Lisa, retirando-me para o fundo, sozinha.

Tornei-me um borrão — uma mancha de escuridão despida de todos os meus detalhes.



## CHALÉ DOS PINHEIROS

### 15h37

**A**o princípio, a ideia da cabana evocou a Quincy um conto de fadas, sobretudo por causa do seu nome fantasioso.

Chalé dos Pinheiros.

O nome fazia-lhe lembrar imagens de anões e princesas e criaturas da floresta ansiosos por darem uma ajuda nas tarefas. Porém, quando o SUV do Craig avançou lentamente pela gravilha do caminho que conduzia à porta e foi possível, finalmente, avistar a cabana, Quincy percebeu que a sua imaginação a ludibriara. A realidade do lugar era bastante menos mágica.

Por fora, o Chalé dos Pinheiros parecia atarracado, robusto e puramente utilitário. Apenas ligeiramente mais elaborado do que qualquer coisa feita com peças de madeira *Lincoln Logs*. Situava-se no meio de um grupo de pinheiros altos, sobranceiros ao telhado inclinado, que o faziam parecer ainda mais pequeno do que era. Aninhadas umas nas outras, com os troncos entrelaçados, as árvores que rodeavam a cabana formavam uma parede espessa, para lá da qual se estendiam mais árvores, numa escuridão silenciosa.

Uma floresta negra. Era esse o conto de fadas de que Quincy se tentara lembrar, só que era mais Irmãos Grimm do que Disney. Quando saiu do SUV e espreitou para o bosque cerrado e emaranhado, sentiu um indesejado formigueiro de apreensão.

— Então é isto que é estar no meio do nada — comentou ela.  
— É arrepiante.

— Medricas — disse Janelle, caminhando atrás dela a arrastar não uma, mas duas malas de viagem.

— Acumuladora de bagagem — ripostou Quincy.

Janelle deitou-lhe a língua de fora, mantendo a pose até Quincy perceber que devia pegar na máquina fotográfica e captar o momento para a posteridade. Obediente, retirou a *Nikon* nova do saco e tirou algumas fotografias. Continuou a disparar até Janelle quebrar a pose e tentar levantar as duas malas com os braços finos e tensos.

— Quin-cee — disse ela naquela toada que Quincy conhecia demasiado bem. — Ajudas-me a levar isto? Por favor?

Quincy pendurou a máquina ao pescoço.

— Não. Tu é que trouxeste essa tralha toda. Duvido que uses sequer metade.

— Pelo menos, estou preparada para tudo. Não é o que dizem os escuteiros?

— Sempre preparados — corrigiu Craig, passando por elas com uma geleira empoleirada nos ombros robustos. — E espero que uma das coisas que trazes dentro dessas malas seja a chave deste sítio.

Janelle, animada com o pretexto para ignorar as malas, procurou nos bolsos das calças de ganga até encontrar a chave. Avançou para a porta, dando uma pancadinha na tabuleta de cedro com o nome da cabana.

— Foto de grupo? — sugeriu.

Quincy programou o temporizador e colocou a máquina sobre a capota do carro de Craig. Depois, correu para se juntar aos outros diante da cabana. Os seis mantiveram os sorrisos, esperando pelo revelador clique do obturador. «O Pessoal da Ala Leste», como Janelle os denominara durante o período de receção ao caloiro. Agora, passados dois meses no segundo ano, continuavam unha e carne.

Após tirarem a fotografia, Janelle abriu cerimoniosamente a porta.

— O que vos parece? — perguntou assim que a porta se abriu, antes de os outros terem mais de um segundo para examinar o que os rodeava. — É acolhedor, não é?

Quincy concordou, apesar de a sua ideia de acolhedor não ter nada que ver com peles de urso nas paredes e um tapete muito gasto estendido no chão. Ela teria usado a palavra «rústico», embora, a atestar pelas manchas acastanhadas que ornavam o lava-louça e tingiam a água que saía dos canos na única casa de banho, «ferrugento» fosse mais apropriado.

Contudo, era grande, para uma cabana. Quatro quartos. Um alpendre nas traseiras que rangeu ligeiramente quando a pisaram. Uma ampla sala com uma lareira quase do tamanho da janela do dormitório que Janelle e Quincy partilhavam, com a lenha bem empilhada ao lado.

A cabana — toda aquela escapadela de fim de semana, na verdade — era um presente de aniversário da mãe e do padrasto de Janelle. Eles aspiravam a ser pais fixes. Daqueles que veem os filhos como amigos. Dos que partem do princípio de que a filha universitária vai, de qualquer forma, beber e consumir drogas, pelo que mais vale alugar-lhe uma cabana em Poconos para fazer tudo isso em relativa segurança. Seriam 48 horas livres de responsáveis de dormitório, comida de cantina e cartões de identificação que têm de ser passados em todas as portas e elevadores.

Porém, antes de tudo começar, Janelle mandou toda a gente guardar os telemóveis dentro de uma caixinha de madeira.

— Nada de chamadas, mensagens e, definitivamente, nem uma fotografia ou um vídeo — disse ela, guardando a caixa no porta-luvas do SUV.

— E a minha máquina fotográfica? — perguntou Quincy.

— Vou permiti-la. Mas só me podes tirar fotografias lisonjeadoras.

— Claro — respondeu Quincy.

— Estou a falar a sério — avisou Janelle. — Se vir alguma coisa menos boa do fim de semana no *Facebook*, desamigo-te. Tanto online como na vida real.

Depois de ela contar até três, correram os seis para os quartos, todos a tentar reclamar o melhor. Amy e Rodney ficaram com o que tinha

uma cama com colchão de água, que chapinhou ruidosamente quando se atiraram para cima dela. Betz, que não tinha namorado, ficou obedientemente no quarto com beliches, atirando-se para o de baixo com o seu exemplar de *Harry Potter e os Talismãs da Morte*, da espessura de um dicionário. Quincy empurrou Janelle para o que tinha duas camas encostadas à parede, uma de cada lado, exatamente como o seu quarto no dormitório.

— Lar, doce lar — disse Quincy. — Ou, pelo menos, bastante parecido.

— Agradável — disse Janelle. A palavra soou oca aos ouvidos de Quincy. — Mas não sei.

— Podemos escolher outro quarto. É o teu aniversário. Tens direito a escolher primeiro.

— Tens razão. E escolho... — Janelle agarrou Quincy pelos ombros, levantando-a da cama — dormir sozinha.

Conduziu Quincy até ao corredor e depois até ao quarto do fundo. Era o maior da cabana e tinha uma janela de sacada com uma vista abrangente dos bosques. As paredes estavam adornadas com várias colchas, num caleidoscópio de tecidos caseiros. Ali, sentado na ponta da enorme cama, estava Craig. Olhava para o chão, fitando o espaço entre os ténis *Converse*, de mãos pousadas no colo, os dedos entrelaçados, os polegares a rodar um sobre o outro. Ergueu o olhar quando Quincy entrou. Ela apercebeu-se de uma ponta de esperança no seu sorriso tímido.

— Tenho a certeza de que aqui ficarás  *muito* mais confortável — disse Janelle, num tom insinuante. — Divirtam-se.

Bateu com a anca em Quincy, empurrando-a mais para dentro do quarto. Depois foi-se embora, fechando a porta e rindo-se pelo corredor.

— A ideia foi dela — disse Craig.

— Foi o que eu pensei.

— Não temos de...

Ele interrompeu-se, forçando Quincy a completar mentalmente a frase. Partilhar o quarto? Dormir juntos, como Janelle tão obviamente planeara que acontecesse?

— Tudo bem.

— Quinn, a sério. Se não estiveres preparada...

Quincy sentou-se ao lado dele e pousou a mão no seu joelho trémulo. Craig Anderson, a estrela de basquetebol em ascensão. Cabelos castanhos, olhos verdes, alto e magro, sexy. De todas as raparigas do *campus*, ele escolhera-a a ela.

— Está tudo bem — repetiu Quincy, com o máximo de segurança que uma rapariga de 19 anos perante o fim da sua virgindade pode ter.

— Estou contente.

# PARA SOBREVIVER A UM ASSASSINO, É PRECISO TER UM INSTINTO ASSASSINO.

Há dez anos, Quincy Carpenter, uma estudante universitária, foi a única sobrevivente de uma terrível chacina numa cabana onde passava o fim de semana com amigos. A partir desse momento, começou a fazer parte de um grupo ao qual ninguém queria pertencer: as Últimas Vítimas. Desse grupo fazem também parte Lisa Milner, que perdeu nove amigas esfaqueadas na residência universitária onde vivia, e Samantha Boyd, que enfrentou um assassino no hotel onde trabalhava.

As três raparigas foram as únicas sobreviventes de três hediondos massacres e sempre se mantiveram afastadas, procurando superar os seus traumas. Mas, quando Lisa aparece morta na banheira de sua casa, Samantha procura Quincy e força-a a reviver o passado, que até ali permanecera recalcado.

Quincy percebe, então, que se quiser saber o verdadeiro motivo por que Samantha a procurou e, ao mesmo tempo, afastar a polícia e os jornalistas que não a deixam em paz, terá de se lembrar do que aconteceu na cabana, naquela noite traumática. Mas recuperar a memória pode revelar muito mais do que ela gostaria.



«A história conduz a um final fantástico, que fará lembrar aos leitores *A Rapariga no Comboio*, de Paula Hawkins, e *Em Parte Incerta*, de Gillian Flynn. Este genial thriller psicológico vai desaparecer rapidamente das prateleiras.»

LIBRARY JOURNAL

<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8869-30-2  9 789898 869302 Thriller
--	---